

A Filosofia Contemporânea.



As luzes e ao lado a razão e a filosofia tirando o manto da verdade.

A Filosofia Contemporânea compreende o espaço de tempo que vai da Revolução Francesa aos nossos dias. Portanto, é importante lembrar que somos parte da história contemporânea, da história atual. O que acontece agora é responsabilidade nossa.

A Idade Contemporânea está marcada de maneira geral, pelo desenvolvimento e consolidação do regime capitalista no ocidente e, conseqüentemente pelas disputas das grandes potências europeias por territórios, matérias-primas e mercados consumidores.

No seu início, A Filosofia Contemporânea foi bastante marcada pela corrente filosófica iluminista. O iluminismo representava o período em que novas luzes ou novas ideias surgiam na mente humana, apontando para um tempo em que somente a razão humana iria predominar. Filósofos iluministas como Montesquieu, Voltaire, Diderot, Adam Smith e também Immanuel Kant elevavam a importância da razão. Havia um sentimento de que as ciências iriam sempre descobrindo novas soluções para os problemas humanos e que a civilização humana progredia a cada ano com os novos conhecimentos adquiridos.

O pesquisador Neil Turnbull em seu dinâmico e ilustrado livro "Fique por dentro da filosofia" – já traduzido para o português – afirma "*que os filósofos iluministas acreditavam que, se a razão e a racionalidade se tornassem os princípios organizadores das sociedades modernas, isso levaria ao desenvolvimento de uma verdadeira sociedade justa, baseada em valores de progresso social, tolerância e obediência à vontade geral.*"

Mas como veremos adiante, uma das características mais interessantes da Filosofia Contemporânea é a disparidade de enfoques, sistemas e escolas, face ao desenvolvimento, de certo modo mais uniforme e linear, da Filosofia Moderna. Para esta proliferação de pontos de vista e de escolas, contribuíram, em grande medida, fatores socioculturais, como: a crise contemporânea dos sistemas políticos, o avanço espetacular das ciências naturais e lógico-formais e o desenvolvimento das *ciências humanas*, cujos métodos e resultados tiveram repercussões e conseqüências de interesse no campo e nos problemas da filosofia, como o surgimento da Psicologia, da Sociologia e Antropologia, por exemplo.

Para começar, vamos nos perguntar: qual era a realidade em que surgiu o que estamos chamando de Filosofia Contemporânea? Como você sabe tudo tem um começo, um meio e um fim. A Filosofia Contemporânea teve o seu começo, porém para a maioria dos estudiosos ela ainda não chegou ao fim. Então, quer dizer que você faz parte dessa história.

Bem, para chegarmos a uma resposta é interessante saber que a partir da metade do século XVIII, ou seja, há uns 250 anos atrás, o que é pouco tempo se pensarmos em termos históricos, o sistema capitalista foi se consolidando em diversos países da Europa e em outras regiões do mundo.

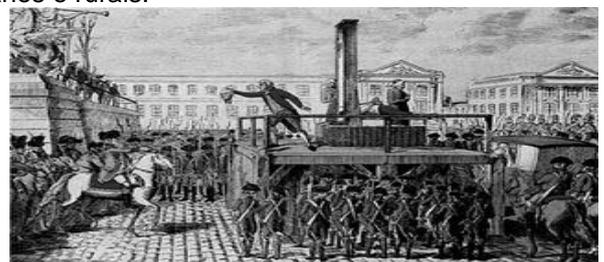
O Brasil, por exemplo, é um país capitalista. O que queremos dizer é que o capitalismo não existiu sempre e quando inicia a Filosofia Contemporânea este sistema econômico estava se estabilizando na Europa e mais tarde também no nosso país, que hoje é uma das maiores economias do planeta.

Neste período ocorreu a Revolução Industrial, com isso as antigas oficinas dos artesãos foram sendo substituídas pelas fábricas, e muitas ferramentas pelas novas máquinas. Antes da Revolução Industrial, um sapato, por exemplo, era confeccionado na oficina de um artesão ou sapateiro, mas depois da Revolução o sapato passou a ser feito em fábricas. Surgiram novas fontes de energia, como o carvão, a eletricidade e o petróleo. No século XIX surgiram novas invenções tecnológicas, como a locomotiva elétrica, o motor a gasolina, o automóvel, o motor a diesel, o telégrafo, o telefone e o rádio.



Péssimas condições de Trabalho Revolução Industrial.

Um marco decisivo para o início da Idade Contemporânea e da Filosofia desse período foi a Revolução Francesa, como citamos antes. A revolução ocorreu de 1789 a 1799. Esse movimento foi, em grande parte, liderado por grupos burgueses que, a partir de certa ascensão econômica, reivindicaram participação no poder político e na construção de novo modelo de sociedade. Entretanto, além dos anseios próprios das burguesias, a Revolução Francesa também trouxe à tona aspirações dos trabalhadores urbanos e rurais.



E o entusiasmo com a razão humana dos filósofos iluministas?

A supervalorização da razão em grande parte foi minguando no período contemporâneo. Os novos filósofos lançaram desconfiança em relação aos diversos frutos, tantas vezes inesperados, da ciência e da tecnologia. Muitos filósofos começaram a questionar a supremacia da razão. Vamos analisar agora algumas perguntas que são típicas da Filosofia Contemporânea:

- ✓ Será que a ciência poderá resolver todos os problemas da humanidade?
- ✓ O homem deve confiar apenas na razão?
- ✓ A tecnologia impedirá o fim da humanidade?

Leia o que disse Max Horkheimer, famoso filósofo do século XX, em seu livro “Eclipse da razão”:

“Parece que enquanto o conhecimento técnico expande o horizonte da atividade e do pensamento humano, a autonomia do homem enquanto indivíduo, a sua capacidade de opor resistência ao crescente mecanismo de manipulação de massas, o seu poder de imaginação e o seu juízo independente sofreram uma redução. O avanço dos recursos técnicos de informação se acompanha de um processo de desumanização.”

Horkheimer opõe o conhecimento técnico e autonomia do homem enquanto indivíduo. Parece que a tecnologia tem diminuído a capacidade do ser humano em se opor aos mecanismos de manipulação do sistema capitalista. Você concorda com o filósofo? Será que a tecnologia desumaniza o homem?

O Enigma da razão



Como você deve ter percebido, a Filosofia Contemporânea fundamenta-se em alguns conceitos que foram elaborados no século XIX. Um desses conceitos é o conceito de história, que foi formulado pelo filósofo Hegel. A filosofia de Hegel, conforme observou a pesquisadora Heidi Strecker, relaciona-se com as ideias de totalidade e de processo. Passamos a entender o homem como um ser histórico, assim como a sociedade.

Uma das consequências dessa percepção é a ideia de progresso. O filósofo Auguste Comte foi um dos principais teóricos a pensar essa questão. Tanto a razão quanto o saber científico caminham na direção do desenvolvimento do homem (o lema da bandeira brasileira, *ordem e progresso*, foram inspirados nas ideias de Comte).

As utopias políticas elaboradas no século XIX, também devem muito à ideia de desenvolvimento e

progresso, como caminho para uma sociedade justa e feliz. Foram elas:

Anarquismo: teoria que considera a autoridade um mal e apoia a substituição do Estado pela cooperação de grupos associados.

O Socialismo: é um sistema político onde todos os meios de produção pertencem à coletividade, onde não existe o direito à propriedade privada destes meios de produção e, as desigualdades sociais seriam pequenas e a taxa de analfabetismo chegaria quase 0%.

O Comunismo: é uma ideologia política e socioeconômica, que pretende promover o estabelecimento de uma sociedade igualitária, sem classes sociais e apátrida, baseada na propriedade comum e no controle dos meios de produção e da propriedade em geral.

A ideia de que a história fosse um movimento contínuo e progressivo em direção ao aperfeiçoamento sofreu duras restrições durante o século XIX.

No século XX, porém, formou-se a noção de que o progresso é descontínuo, isto é, não se faz por etapas sucessivas. Desse modo, a história universal não é um conjunto de várias civilizações em etapas diferentes de desenvolvimento. Cada sociedade tem sua própria história. Cada cultura tem seus próprios valores.

A confiança no saber científico foi outra das atitudes filosóficas que se desenvolveram no século XIX. Essa atitude implica que a natureza pode ser controlada pela ciência e pela técnica. Mas não apenas isso, o desenvolvimento da ciência e da técnica passa a ser capaz de levar ao progresso vários aspectos da vida humana. Surgiram disciplinas como a psicologia, a sociologia e a pedagogia.

No século XX, a filosofia passou a colocar em cheque o alcance desses conhecimentos. Essas ciências podem não conseguir abranger a totalidade dos fenômenos que estudam. E também muitas vezes não conseguem fundamentar e validar suas próprias descobertas.

A ideia de que a razão, a ciência e o conhecimento são capazes de dar conta de todos os aspectos da vida humana também foi pensada criticamente por dois grandes filósofos: Karl Marx e Sigmund Freud.

No campo político, Marx tornou relativa à ideia de uma razão livre e autônoma ao formular a noção de ideologia – o poder social e invisível que nos faz pensar como pensamos e agir como agimos.

No campo da psique, Freud abalou o edifício das ciências psicológicas ao descobrir a noção de inconsciente – como poder que atua sem o controle da consciência.

A ideia de progresso humano como percurso racional sofreu um duro golpe com a ascensão dos regimes totalitários, como o nazismo, o fascismo e o stalinismo. O desencanto tomou o lugar da confiança que existia anteriormente na ideia de uma razão triunfante.

Para fazer face a essa realidade, um grupo de intelectuais alemães, conhecido como Escola de Frankfurt, elaborou uma teoria que ficou conhecida como **teoria crítica**.

Desta escola fazia parte filósofos, como Walter Benjamin, Herbert Marcuse e Theodor Adorno, aos

quais se pode ligar o pensamento de Habermas. Um dos principais filósofos desse grupo é o já comentado Max Horkheimer. Ele pensou que as transformações na sociedade, na política e na cultura só podem se processar se tiverem como fim a emancipação do homem e não o domínio técnico e científico sobre a natureza e a sociedade.

Esse pensamento distingue a razão instrumental da razão crítica. O que seria a razão instrumental? Aquela que transforma as ciências e as técnicas num meio de intimidação do homem, e não de libertação. E a razão crítica? É a que estuda os limites e os riscos da aplicação da razão instrumental.

O filósofo Jean-Paul Sartre também pensou as questões do homem frente à liberdade e ao seu compromisso com a história. Utilizando também as contribuições do marxismo e da psicanálise, o filósofo elaborou um pensamento sistemático que põe em relevo a noção de existência em lugar da essência.

O estudo da linguagem científica, dos fundamentos e dos métodos das ciências tornou-se um foco de atenção importante para a filosofia contemporânea. O filósofo Edmund Husserl propôs à filosofia a tarefa de estudar as possibilidades e os limites do próprio conhecimento. Husserl desenvolveu uma teoria chamada *fenomenologia*.

As formas e os modos de funcionamento da linguagem foram estudados pelo filósofo Ludwig Wittgenstein. A filosofia analítica é uma disciplina que se vale da análise lógica como método e entende a linguagem como objeto da filosofia. Bertrand Russel e Quine também estudaram os problemas lógicos das ciências, a partir da linguagem científica.

Escola de Frankfurt.

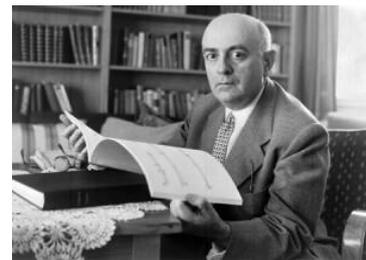


Qual é a influência de meios de comunicação de massa, como a TV, sobre uma sociedade? Como as pessoas são mobilizadas a acompanharem um noticiário como se estivesse assistindo a uma telenovela, como ocorreu no recente caso da morte da menina Isabella? Os primeiros filósofos que detectarem a dissolução das fronteiras entre informação, consumo, entretenimento e política, ocasionada pela mídia, bem como seus efeitos nocivos na formação crítica de uma sociedade, foram os pensadores da **Escola de Frankfurt**.

➤ **Max Horkheimer (1895-1973):** O pensamento de Horkheimer é um dos mais importantes da filosofia contemporânea. Ao enfrentar a "razão instrumental" com sua "teoria crítica", ele denuncia essa razão como criadora de perigosos mitos, situando-se em um marxismo não-ortodoxo, ligado também a certo humanismo individualista.



Theodor W. Adorno (1903-1969): Filósofo, sociólogo e musicólogo de origem judaica, nascido em Frankfurt na Alemanha. A sua dupla formação musical e filosófica leva Adorno a procurar compreender qual o destino reservado à arte e à cultura modernas nas sociedades cada vez mais dominadas pela racionalidade tecnológica.



Theodor W. Adorno

São os principais representantes da escola, fundada em 1924 na Universidade de Frankfurt, na Alemanha. No local, um conjunto de teóricos, entre eles Walter Benjamin (1892-1940), Jürgen Habermas (1929), Herbert Marcuse (1898-1979) e Erich Fromm (1900-1980), desenvolveram estudos de orientação marxista.

Os estudos dos filósofos de Frankfurt ficaram conhecidos como **Teoria Crítica**, que se contrapõe à Teoria Tradicional. A diferença é que enquanto a tradicional é "neutra" em seu uso, a crítica busca analisar as condições sociopolíticas e econômicas de sua aplicação, visando à transformação da realidade. Um exemplo de como isso funciona é a análise dos meios de comunicação caracterizados como indústria cultural.

Indústria cultural

Em um texto clássico escrito em 1947, "Dialética do Iluminismo", Adorno e Horkheimer definiram indústria cultural como um **sistema político e econômico que tem por finalidade produzir bens de cultura - filmes, livros, música popular, programas de TV etc. - como mercadorias e como estratégia de controle social**.

A ideia é a seguinte: os meios de comunicação de massa, como TV, rádio, jornais e portais da Internet,

são propriedades de algumas empresas, que possuem interesse em obter lucros e manter o sistema econômico vigente que as permitem continuarem lucrando. Portanto, vendem-se filmes e seriados norte-americanos, músicas (funk, pagode, sertaneja etc.) e novelas não como bens artísticos ou culturais, mas como produtos de consumo que, neste aspecto, em nada se diferenciariam de sapatos ou sabão em pó. Com isso, ao invés de contribuírem para formar cidadãos críticos, manteriam as pessoas "alienadas" da realidade.

Como afirmam no texto: "Filmes e rádio não têm mais necessidade de serem empacotados como arte. A verdade, cujo nome real é negócio, serve-lhes de ideologia. Esta deverá legitimar os refugos que de propósito produzem. Filme e rádio se auto-definem como indústrias, e as cifras publicadas dos rendimentos de seus diretores-gerais tiram qualquer dúvida sobre a necessidade social de seus produtos."



O homem alienado caminha em direção ao desconhecido.

Para Adorno, os receptores das mensagens dos meios de comunicação seriam vítimas dessa indústria. Eles teriam o gosto padronizado e seriam induzidos a consumir produtos de baixa qualidade. Por essa razão, indústria cultural substitui o termo cultura de massa, pois não se trata de uma cultura popular representada em novelas da Rede Globo, por exemplo, mas de uma ideologia imposta às pessoas.

Dominação política

E como a indústria cultural torna-se mecanismo de dominação política? Adorno e Horkheimer vislumbraram os meios de comunicação de massa como uma perversão dos ideais iluministas do século 18. Para o Iluminismo, o progresso da razão e da tecnologia iria libertar o homem das crenças mitológicas e superstições, resultando numa sociedade mais livre e democrática

Mas os pensadores da Escola de Frankfurt, que eram judeus, se viram alvos da campanha nazista com a chegada de Hitler ao poder nos anos 30, na Alemanha. Com apoio de uma máquina de propaganda que pela primeira vez usou em larga escala os meios de comunicação como instrumentos ideológicos, o nazismo era uma prova de como a racionalidade técnica, que no Iluminismo serviria para libertar o homem, estava escravizando o indivíduo na sociedade moderna.

Nas mãos de um poder econômico e político, a tecnologia e a ciência seriam empregadas para impedir que as pessoas tomassem consciência de suas condições de desigualdade. Um trabalhador que em seu horário de lazer deveria ler bons livros, ir ao teatro ou a concertos musicais, tornando-se uma pessoa mais culta, questionadora e engajada politicamente, chega à

sua casa e senta-se à frente da TV para esquecer seus problemas, absorvendo a mesmos valores que predominam em sua rotina de trabalho. É desta forma que a indústria cultural exerceria controle sobre a massa. Como resultados, ao invés de cidadãos conscientes, teriam apenas consumidores passivos.

A Filosofia de Hegel Alemanha, 1770.

Talvez ninguém como o filósofo alemão Georg Hegel, que nasceu em 1770 e faleceu em 1831, tenha conseguido montar um sistema filosófico tão completo. Nas pesquisas do professor Gilberto Cotrim, Hegel é apontado como o ponto culminante do racionalismo, da crença que a razão é o elemento solucionador dos problemas humanos. Hegel integra o grupo de pensadores que defendiam o idealismo. Esse modo de pensar ficou conhecido como Idealismo Alemão. Ele escreveu importantes ensaios como "Fenomenologia do espírito", "Princípios da filosofia do direito" e "Lições sobre a história da filosofia".

O que é a realidade? Esta é uma pergunta que Hegel responde com clareza. Hegel via a realidade como uma unidade orgânica, uma unidade que não estava numa condição estável, mas num constante processo de desenvolvimento. A realidade está sempre em processo de construção. Como cantava Cazuza, um dos maiores artistas brasileiros da década de 1980, "o tempo não para, não para não".

A meta final do desenvolvimento da realidade é a obtenção do auto reconhecimento e do auto entendimento.

Leia esta afirmação de Hegel:

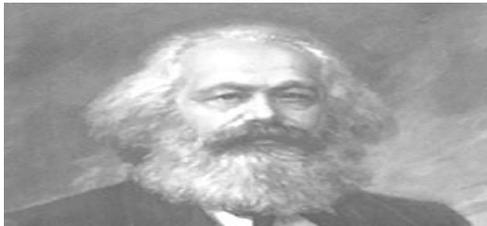
"A realidade é produto da atividade da mente racional. A mente é uma espécie de espírito universal. Mas isso não tem nada a ver com o sentido religioso da palavra espírito. Hegel entendia a realidade como espírito. Na língua alemã, Hegel usava a palavra GEIST. Para o nosso filósofo a Geist é a existência mesma, a essência última do ser. O processo histórico inteiro que constitui a realidade é o desenvolvimento de Geist. A razão era considerada o princípio que governa o movimento desse espírito ao longo da história. Ou seja, anote aí: O que move a história são as suas contradições. Se a história fosse um carro, o seu motor se chamaria "contradição".

Hegel chamava a contradição de movimento dialético ou dialética. Ele quis captar em sua filosofia o movimento dialético da realidade. Imaginemos uma planta. Assim como um botão precisa desaparecer para que uma flor surja, e a flor desaparece para que surja o fruto, da mesma forma, todas as coisas passam por um processo dinâmico de transformações que leva a uma síntese superior.

A dialética não é uma forma de pensar a realidade, mas sim o movimento real da realidade. Por isso, para acompanhar a realidade, o pensamento também deve ser dialético. A realidade é um contínuo devir, vir a ser. Um momento prepara outro momento, mas, para que esse outro momento aconteça, o anterior tem de ser negado. Esses três momentos são comumente chamados de tese, antítese e síntese. É um movimento circular que não se fecha, pois cada momento final, que seria a síntese, se torna a tese de um movimento posterior, de caráter mais avançado.

Karl Marx Alemanha, 1818.

Com certeza, você já ouviu falar de Karl Marx. Bem ou mal, mas já ouvi. Principalmente quando falam do comunismo, da luta de classes, da exploração dos mais pobres pelos mais ricos. Na verdade, Marx é desses filósofos que são amados ou odiados. Porém, antes de você amar ou odiar Marx é preciso conhecê-lo de perto. Marx era um homem de olhar, sério, tinha a barba e o cabelo longo influenciou muito a sua visão de mundo. E você nem sabe explicar como.



Marx foi um homem e um filósofo preocupado com a exploração dos trabalhadores.

Marx: nasceu na cidade alemã de Trier. Seus pais eram judeus que se converteram ao luteranismo quando Marx tinha seis anos, mas ele próprio foi profundamente antirreligioso quando chegou à adolescência. Para Marx, a religião é o ópio do povo. Ou seja, a religião é como uma cegueira que não nos permite enxergar a realidade como ele realmente é. Como dizíamos, Marx ficou impressionado com a visão de Hegel sobre a mudança histórica.

Marx argumentou que o verdadeiro motor da mudança histórica progressiva não era o conflito entre sistemas abstratos de ideias, porém um conflito real entre classes sociais, grupos com interesses materiais muito diferentes. Ele considerava como o mais importante conflito da sociedade moderna aquele entre a burguesia, os patrões, e o proletariado, os trabalhadores. Esse conflito seria finalmente resolvido por uma vitória do proletariado em uma revolução social, seguida pela ditadura do proletariado e finalmente, a dissolução de todas as formas de controle social e a emergência de uma sociedade realmente livre e justa.

O primeiro escrito filosófico de Marx, “Os manuscritos econômico-filosófico”, era fundamentalmente humanista, preocupado em saber como os seres humanos podem se desenvolver por meio da atividade criativa livre.

Na verdade, Marx foi um homem e um filósofo preocupado com a exploração dos trabalhadores. Ele não conseguia acompanhar a exploração injusta do capitalismo, por isso desenvolveu suas teorias. Ele pensava que foi negada à maioria da população trabalhadora a oportunidade de se desenvolver integralmente como indivíduos, por terem sido forçados a vender sua força de trabalho para capitalistas exploradores: homens de negócios gananciosos para quem os trabalhadores eram fonte de lucro e não seres humanos. Os indivíduos viam-se, assim, reduzidos a mercadorias abstratas que podiam ser trocadas por qualquer outra.

No famoso “Manifesto Comunista”, Marx afirma *que toda a história humana pode ser entendida como uma série de lutas de classes*. No mundo medieval

feudal, o conflito mais marcante foi entre a classe mercantil e a velha aristocracia, cuja resolução foi o novo sistema social, o capitalismo, que também se dividia em classes, apesar de pretender o contrário. O motor da história moderna sob o capitalismo, para Marx, seria a luta política entre a burguesia e o proletariado. Essa luta levaria à extinção do capitalismo e daria origem a uma sociedade comunista na qual todos viveriam de acordo com a máxima de cada um segundo suas habilidades, para cada um segundo suas necessidades.

O grande trabalho filosófico de Marx foi o livro “O Capital”. Descrito como a bíblia da classe operária numa resolução da Associação Operária Internacional. O Capital foi publicado em Berlim em 1867. No que viria a ser um dos livros mais influentes do século XIX, Marx previa a substituição do capitalismo pelo socialismo. Apenas o primeiro volume foi concluído em vida de Marx: o segundo e o terceiro volumes foram editados por Friedrich Engels, o maior companheiro de Marx. Engels compartilhava das mesmas ideias de Marx e foi um importante filósofo. Com Engels, Marx escreveu “O Manifesto Comunista”.

Por fim, vamos entender o pensamento de Marx e Engels a partir de suas próprias palavras no “Manifesto Comunista” publicado em 1848. Eles afirmavam:

“A história de todas as sociedades que existiram até nossos dias tem sido a história das lutas de classes. Homem livre e escravo, patrício e plebeu, senhor e servo, mestre de corporação e aprendiz; numa palavra, opressores e oprimidos, em constante oposição, têm vivido numa guerra ininterrupta, ora franca, ora disfarçada; uma guerra que terminou sempre, ou por uma transformação revolucionária da sociedade inteira, ou pela destruição das duas classes em luta.”

Fábrica (Legião Urbana)

Nosso dia vai chegar,

Teremos nossa vez.

Não é pedir demais:

Quero justiça,

Quero trabalhar em paz.

Não é muito o que lhe peço

Eu quero um trabalho honesto

Em vez de escravidão.

Deve haver algum lugar

Onde o mais forte

Não consegue escravizar

Quem não tem chance.

De onde vem a indiferença

Temperada a ferro e fogo?

Quem guarda os portões da fábrica?

O céu já foi azul, mas agora é cinza

O que era verde aqui já não existe mais.

Quem me dera acreditar

Que não acontece nada de tanto brincar com fogo,

Que venha o fogo então.

Esse ar deixou minha vista cansada,

Nada demais.

Karl Marx é um dos mais importantes pensadores da Filosofia Contemporânea. Ele contribuiu com a economia, com a política e com a sociedade de modo decisivo. Apesar da influência que recebeu de Hegel foi crítico corajoso do idealismo daquele filósofo.

EXISTENCIALISMO: AVENTURA E DRAMA DA EXISTÊNCIA.

Existencialismo: designa o conjunto de tendências filosóficas que, embora divergentes em vários aspectos, têm na existência humana o ponto de partida e o objeto fundamental de reflexões.

“FILOSOFIAS DA EXISTÊNCIA”

O que é existir?

Se refletirmos sobre o tema, veremos que existir implica:

- Na relação do homem consigo mesmo;
- Com os outros seres humanos;
- Objetos culturais e com a natureza;

Os filósofos existencialistas elaboraram uma certa visão dramática da condição humana.

“A ÚNICA QUESTÃO FILOSÓFICA SÉRIA É O SUICÍDIO” (ALBERT CAMUS)

➤ Ser humano: é entendido como uma realidade imperfeita, aberta e inacabada que foi lançada ao mundo e vive sob riscos e ameaças.

➤ A Liberdade humana: não é plena, mas condicionada às circunstâncias históricas da existência.

“QUERER NÃO SE IDENTIFICA COM PODER”

➤ Vida humana: não é um caminho seguro em direção ao progresso, ao êxito e ao crescimento, ao contrário, é marcada por situações de sofrimento, como doença, dor, injustiças, luta pela sobrevivência, fracassos, velhice e a morte.

Assim, não podemos ignorar o sofrimento humano, a angústia interior, a exploração social. É preciso considerar esses aspectos adversos da vida humana.

JEAN-PAUL SARTRE

“a responsabilidade por aquilo que fazemos”.

“a liberdade é o fundamento de todos os valores. o homem é aquilo que ele faz de si mesmo”.

Sartre nasceu em Paris e foi o mais conhecido pensador do movimento existencialista.

a principal obra filosófica de Sartre foi “o ser e o nada”, publicada em 1939. Nessa obra, ele ataca duramente a teoria aristotélica de potência (potência seria a capacidade de uma coisa transformar-se em outra, devido a sua necessidade, ou até mesmo, devido sua impossibilidade de permanecer sempre constante).

Para Sartre, o ser é o que é. Trata-se, na linguagem sartriana, do ente em-si. Esse ente “não é ativo nem passivo, nem afirmação nem negação, mas simplesmente repousa em si, maciço e rígido”.

Se o homem fosse um ser cheio, total, pleno, com uma essência definida, ele não poderia ter nem consciência, nem liberdade.

Primeiro, porque a consciência é um espaço aberto a múltiplos conteúdos.

Segundo, porque a liberdade representa a possibilidade de escolha.

Por intermédio dela, o homem revela suas aspirações para algo que ele ainda não é. Assim, para Sartre, se o homem não expressasse esse vazio de ser, sua consciência já estaria pronta, acabada, fechada. E,

nesse caso, o homem não poderia manifestar liberdade, pois estaria totalmente preso à realidade estática do ser pleno. Por isso, o homem tem como característica específica o não-ser, algo indefinido e indeterminado.

Por esse mesmo motivo, não podemos falar da existência de uma natureza humana universal, mas de uma condição humana. Um dos principais fundamentos da condição humana é a liberdade.

“O HOMEM ESTÁ CONDENADO A SER LIVRE”

VERIFICAÇÃO DA APRENDIZAGEM.

01. (Ufu 2011) Jean-Paul Sartre encontrou um motivo de reflexão sobre a liberdade na obra de Dostoiévski “Os irmãos Karamazov”: “se Deus não existe, tudo é permitido”. A partir daí teceu considerações sobre esse tema e algumas consequências que dele podem ser derivadas.

[...] tudo é permitido se Deus não existe e, por conseguinte, o homem está desamparado porque não encontra nele próprio nem fora dele nada a que se agarrar. Para começar, não encontra desculpas. [...] Estamos sós, sem desculpas. É o que posso expressar dizendo que o homem está condenado a ser livre. Condenado, porque não se criou a si mesmo, e como, no entanto, é livre, uma vez que foi lançado no mundo, é responsável por tudo o que faz. SARTRE, Jean-Paul. O existencialismo é um humanismo. São Paulo: Nova Cultural, 1987, p. 9

Com base em seus conhecimentos sobre a filosofia existencialista de Sartre e nas informações acima, assinale a alternativa correta.

a) Porque entende que somos livres, Sartre defendeu uma filosofia não engajada, isto é, uma filosofia que não deve se importar com os acontecimentos sociais e políticos de seu tempo.

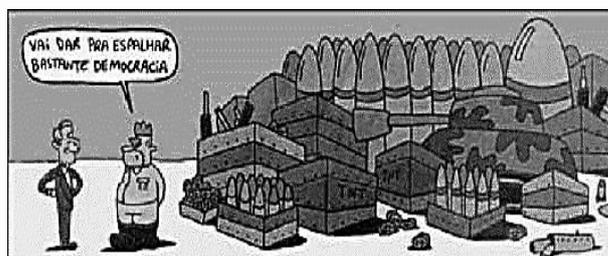
b) Para Sartre, a angústia decorre da falta de fé em Deus e não do fato de sermos absolutamente livres ou como ele afirma “o homem está condenado a ser livre”.

c) As ações humanas são o reflexo do equilíbrio entre o livre-arbítrio e os planos que Deus estabelece para cada pessoa, consistindo nisto a verdadeira liberdade.

d) Para Sartre, as ações das pessoas dependem somente das escolhas e dos projetos que cada um faz livremente durante a vida e não da suposição da existência e, portanto, das ordens de Deus.

e) a proposição de Sartre de que “o ser humano não pode não ser livre” estabelece uma relação de subordinação entre sua concepção do que é um ser humano e a concepção biológica desse conceito.

02. Analise a figura a s



Folha de São Paulo, São Paulo, 06 nov. 2004.

Desde a sociedade grega, diversos sentidos têm sido empregados à palavra Democracia. No entanto, o núcleo central do conceito, forjado pelos gregos, manteve-se e consiste em considerar a democracia como “governo do povo, de todos os cidadãos, ou seja, de todos aqueles que gozam de direitos de cidadania”. (BOBBIO, Norberto. Dicionário de Política. 2º ed. Distrito Federal: UNB, 1985. p. 3)

A figura mostra o diálogo entre o presidente norte americano George W. Bush e um militar, no qual uma nova concepção sobre o percurso a ser seguido no processo de construção da democracia é sugerida.

É correto afirmar que a democracia proposta pela charge consiste em?

- a) É considerada um valor universal e, portanto, deve ser implantada através do diálogo permanente sobre os interesses públicos.
- b) Está dissociada da ideia de força militar, uma vez que esta não pode servir de apoio para a democracia.
- c) Depende do respeito aos direitos de soberania e de autodeterminação dos povos, sem o que fica esvaziada de sentido.
- d) Floresce da exigência de que todas as Nações estejam fortemente armadas para que sejam construídas as bases de um equilíbrio geral e de respeito mútuo entre elas.
- e) Baseia-se na militarização, que deve ser o instrumento central para a expansão da experiência democrática por parte daqueles países que se consideram exemplares nessa prática.

03. (UFU 1999) Segundo Jean Paul Sartre, filósofo existencialista contemporâneo, liberdade é:

- I- escolha incondicional que o próprio homem faz de seu ser e de seu mundo.
- II- aceitar o que a existência determina como caminho para a vida do homem.
- III- sempre uma decisão livre, por mais que se julgue estar sob o poder de forças externas.
- IV- estarmos condenados a ela, pois é a liberdade que define a humanidade dos humanos.

Assinale o que for correto:

- a) se apenas I e IV estiverem corretas.
- b) se apenas II e III estiverem corretas.
- c) se apenas I, II e IV estiverem corretas.
- d) se apenas III e IV estiverem corretas.
- e) se apenas I, III e IV estiverem corretas.

04. “Desta guerra de todos os homens contra todos os homens também isto é consequência: que nada pode ser injusto. As noções de certo e de errado, de justiça e injustiça, não podem aí ter lugar. Onde não há poder comum não há lei, e onde não há lei não há injustiça. (...) A justiça e a injustiça não fazem parte das faculdades do corpo ou do espírito.” (HOBBS. Leviatã. XIII).

“Nós estabelecemos anteriormente que todas as coisas são determinadas e que na Natureza não há bem nem mal.”

(ESPINOSA. Tratado breve. IV)

Sobre a existência em si mesma ou não de noções éticas, pode-se dizer que Hobbes e Espinosa concordam que:

- a) existem em si mesmas e devem ser interligadas, como tais, pelos homens.
- b) não existem em si mesmas e tampouco podem ser construídas pelos homens.
- c) não sabemos se existem ou não, pois são inacessíveis ao intelecto humano.
- d) não existem em si mesmas, mas são construídas pelos homens.
- e) existem a partir dos ensinamentos divinos.

Schopenhauer Alemanha, 1788.

O que você responderia se alguém perguntasse: a vida é essencialmente um sofrimento? No sistema de Schopenhauer, a vontade é a raiz metafísica do mundo e da conduta humana; ao mesmo tempo, é a fonte de todos os sofrimentos. Ou seja, todos nós somos donos de uma vontade insaciável. Desejamos o tempo todo. Sua filosofia é, assim, profundamente pessimista, pois a vontade é concebida em seu sistema como algo sem nenhuma meta ou finalidade, um querer irracional e inconsciente. Sendo um mal inerente à existência do homem, ela gera a dor, necessária e inevitavelmente, aquilo que se conhece como felicidade seria apenas a interrupção temporária de um processo de infelicidade e somente a lembrança de um sofrimento passado criaria a ilusão de um bem presente.



Schopenhauer, tudo é dor.

Para Schopenhauer, o prazer é momento fugaz de ausência de dor e não existe satisfação durável. Todo prazer é ponto de partida de novas aspirações, sempre obstadas e sempre em luta por sua realização: “Viver é sofrer”.

Schopenhauer influenciou uma geração de artistas, como o cantor e compositor brasileiro, Renato Russo. O líder do grupo Legião Urbana revelava em várias de suas músicas, o que podemos chamar de “dor de viver”. Em discos aclamados pela crítica musical, como o famoso “Cinco” e “A tempestade” as composições de Renato Russo, Dado Villa Lobos e Marcelo Bonfá são permeadas de um pessimismo arrebatador. Na música “Quando o sol bater na janela do teu quarto”, Renato Russo cita Schopenhauer literalmente: “tudo é dor e toda dor vem do desejo de não sentirmos dor”.

Mas, apesar de todo seu profundo pessimismo, a filosofia de Schopenhauer aponta algumas vias para a suspensão da dor. Num primeiro momento, o caminho para a supressão da dor encontra-se na contemplação

artística. A contemplação desinteressada das ideias seria um ato de intuição artística e permitiria a contemplação da vontade em si mesma, o que, por sua vez, conduziria ao domínio da própria vontade. Na arte, a relação entre a vontade e a representação inverte-se, a inteligência passa a uma posição superior e assiste à história de sua própria vontade; em outros termos, a inteligência deixa de ser atriz para ser espectadora. A atividade artística revelaria as ideias eternas através de diversos graus, passando sucessivamente pela arquitetura, escultura, pintura, poesia lírica, poesia trágica, e, finalmente, pela música.

Em Schopenhauer, pela primeira vez na história da filosofia, a música ocupa o primeiro lugar entre todas as artes. Liberta de toda referência específica aos diversos objetos da vontade, a música poderia exprimir a Vontade em sua essência geral e indiferenciada, constituindo um meio capaz de propor a libertação do homem, em face dos diferentes aspectos assumidos pela Vontade.

Entretanto, a suprema felicidade somente pode ser conseguida pela anulação da vontade. Tal anulação é encontrada por Schopenhauer no misticismo hindu, particularmente o Budismo; a experiência do Nirvana constitui a aniquilação desta vontade última, o desejo de viver. Somente neste estado, o homem alcança a única felicidade real e estável.

Conta a lenda que um dia perguntaram ao Buda:
O que mais te surpreende na humanidade?
E ele respondeu.

"Os Homens", porque perdem a saúde para juntar dinheiro, depois perdem dinheiro para recuperarem a saúde. E por pensarem ansiosamente no futuro, esquecem do presente de tal forma que acabam por não viver o presente e nem o futuro. E vivem como se nunca fossem morrer e morrem como se nunca tivesse vivido.

O pensamento de Schopenhauer foi fonte decisiva para a obra de um dos mais importantes filósofos da Idade Contemporânea, Nietzsche.

Jean-Paul Sartre França, 1905.

Sartre nasceu em Paris e foi o mais conhecido pensador do movimento existencialista. Escreveu romance e peças de teatro, como: "Entre quatro paredes", "A náusea", "O muro", "A idade da razão" e "o diabo e o bom Deus". Sartre foi influenciado por Heidegger, Kierkegaard e pelo marxismo. Em 1956 rompeu com o Partido Comunista. Em 1964 foi agraciado com o Prêmio Nobel de Literatura, mas recusou recebê-lo.

A principal obra filosófica de Sartre foi "O ser e o nada", publicada em 1939. Nessa obra, ele ataca duramente a teoria aristotélica de potência (potência seria a capacidade de uma coisa transformar-se em outra, devido a sua necessidade, ou até mesmo, devido sua impossibilidade de permanecer sempre constante).

Para Sartre, o ser é o que é. Trata-se, na linguagem sartriana, do ente em-si. Esse ente "não é ativo nem passivo, nem afirmação nem negação, mas simplesmente repousa em si, maciço e rígido". Mas, além do ente em-si, Sartre concebe a existência do ser

especificamente humano, denominando-o ente para-sei. O ente para - sei específico do homem se opõe ao ente em-si, que representa a plenitude do ser., portanto, para Sartre, a característica tipicamente humana é o nada: um espaço aberto. Esse nada, próprio da existência, faz do homem um ente não-estático, não-compacto, acessível às possibilidades de mudança. O homem é a própria mudança. E você? Você é a própria mudança?



Sartre, a característica tipicamente humana é o nada: um espaço aberto.

Se o homem fosse um ser cheio, total, pleno, com uma essência definida, ele não poderia ter nem consciência, nem liberdade. Primeiro, porque a consciência é um espaço aberto a múltiplos conteúdos. Segundo, porque a liberdade representa a possibilidade de escolha. Por intermédio dela, o homem revela suas aspirações para algo que ele ainda não é. Assim, para Sartre, se o homem não expressasse esse vazio de ser, sua consciência já estaria pronta, acabada, fechada. E, nesse caso, o homem não poderia manifestar liberdade, pois estaria totalmente preso à realidade estática do ser pleno. Por isso, o homem tem como característica específica o não-ser, algo indefinido e indeterminado. Por esse mesmo motivo, não podemos falar da existência de uma natureza humana universal, mas de uma condição humana.

Um dos principais fundamentos da condição humana é a liberdade. É o exercício da liberdade que impulsiona a conduta humana, que gera a incerteza, que leva à procura de sentidos, que produz a ultrapassagem de certos limites.

VERIFICAÇÃO DA APRENDIZAGEM

01. (UEL 2013) Leia o texto a seguir: "O modo de comportamento perceptivo, através do qual se prepara o esquecer e o rápido recordar da música de massas, é a desconcentração. Se os produtos normalizados e irremediavelmente semelhantes entre si, exceto certas particularidades surpreendentes, não permitem uma audição concentrada, sem se tornarem insuportáveis para os ouvintes, estes, por sua vez, já não são absolutamente capazes de uma audição concentrada. Não conseguem manter a tensão de uma concentração atenta, e por isso se entregam resignadamente àquilo que acontece e flui acima deles, e com o qual fazem amizade somente porque já o ouvem sem atenção excessiva". (ADORNO, T. W. O fetichismo na música e a regressão da audição. In: Adorno et all. Textos escolhidos. São Paulo: Abril Cultural, 1978, p.190.)

As redes sociais têm divulgado músicas de fácil memorização e com forte apelo à cultura de massa. A respeito do tema da regressão da audição

na Indústria Cultural e da relação entre arte e sociedade em Adorno, assinale a alternativa correta.

- a) A impossibilidade de uma audição concentrada e de uma concentração atenta relaciona-se ao fato de que a música tornou-se um produto de consumo, encobrendo seu poder crítico.
- b) A música representa um domínio particular, quase autônomo, das produções sociais, pois se baseia no livre jogo da imaginação, o que impossibilita estabelecer um vínculo entre arte e sociedade.
- c) A música de massa caracteriza-se pela capacidade de manifestar criticamente conteúdos racionais expressos no modo típico do comportamento perceptivo inato às massas.
- d) A tensão resultante da concentração requerida para a apreciação da música é uma exigência extramusical, pois nossa sensibilidade é naturalmente mais próxima da desconcentração.
- e) Audição concentrada significa a capacidade de apreender e de repetir os elementos que constituem a música, sendo a facilidade da repetição o que concede poder crítico à música.

02. (UEL 2013) Leia o texto a seguir: “A utilização da Internet ampliou e fragmentou, simultaneamente, os nexos de comunicação. Isto impacta no modo como o diálogo é construído entre os indivíduos numa sociedade democrática”.

A partir dos conhecimentos sobre a ação comunicativa em Habermas, considere as afirmativas a seguir.

- I. A manipulação das opiniões impede o consenso ao usar os interlocutores como meios e desconsiderar o ser humano como fim em si mesmo.
 - II. A validade do que é decidido consensualmente assenta-se na negociação em que os interlocutores se instrumentalizam reciprocamente em prol de interesses particulares.
 - III. Como regra do discurso que busca o entendimento, devem-se excluir os interlocutores que, de algum modo, são afetados pela norma em questão.
 - IV. O projeto emancipatório dos indivíduos é construído a partir do diálogo e da argumentação que prima pelo entendimento mútuo.
- Assinale a alternativa correta.
- a) Somente as afirmativas I e II são corretas.
 - b) Somente as afirmativas I e IV são corretas.
 - c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.
 - d) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
 - e) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

03. (UFPA 2013): “Originalmente concebida e acionada para emancipar os homens, a moderna ciência está hoje a serviço do capital, contribuindo para a manutenção das relações de classe. A ciência e a técnica nas mãos dos poderosos [...] controlam a vida dos homens, subjugam-os ao interesse do capital. A produção de bens segue uma lógica técnica, e não à lógica das necessidades reais dos homens”.

A autora nos apresenta a visão da Escola de Frankfurt acerca do papel desempenhado pela

ciência e pela tecnologia na moderna economia capitalista. Sobre este papel, considere as afirmativas abaixo:

- I. A ciência e a técnica, além de serem forças produtivas, funcionam como ideologias para legitimar o sistema capitalista.
 - II. Nas mãos do poder econômico e político, a tecnologia e a ciência são empregadas para impedir que as pessoas tomem consciência de suas condições de desigualdade.
 - III. A dimensão emancipadora e crítica da racionalidade moderna foi valorizada na economia capitalista, pois muitas das reivindicações dos trabalhadores foram atendidas a partir do advento da tecnologia.
 - IV. Na economia capitalista, produz-se com eficácia o que dá lucro e não aquilo que os homens necessitam e gostariam de ter ou usar.
- Estão corretas as afirmativas:
- a) I e III
 - b) II e III
 - c) III e IV
 - d) I, II e IV
 - e) II, III e IV

04. (UEG 2012): “Uma moral racional se posiciona criticamente em relação a todas as orientações da ação, sejam elas naturais, auto evidentes, institucionalizadas ou ancoradas em motivos através de padrões de socialização. No momento em que uma alternativa de ação e seu pano de fundo normativo são expostos ao olhar crítico dessa moral, entra em cena a problematização. A moral da razão é especializada em questões de justiça e aborda em princípio tudo à luz forte e restrita da universalidade.”

Com base no texto e nos conhecimentos sobre a moral em Habermas, é correto afirmar:

- a) A formação racional de normas de ação ocorre independentemente da efetivação de discursos e da autonomia pública.
- b) O discurso moral se estende a todas as normas de ações passíveis de serem justificadas sob o ponto de vista da razão.
- c) A validade universal das normas pauta-se no conteúdo dos valores, costumes e tradições praticados no interior das comunidades locais.
- d) A positivação da lei contida nos códigos, mesmo sem o consentimento da participação popular, garante a solução moral de conflitos de ação.
- e) Os parâmetros de justiça para a avaliação crítica de normas pautam-se no princípio do direito divino.

05. (UEL 2012) Observe as figuras e o texto a seguir:



1932. Acervo CDPH-UEL, Fundo Nixdorf.



Calvin
(Disponível em: <http://kariacurinha.com.br/wpcontent/uploads/2009/10/charge_calvin_hobbes-490x304.jpg>. Acesso em: 29 jun. 2011.)

Os homens sempre tiveram de escolher entre submeter-se à natureza ou submeter à natureza ao EU. (ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985. p.43.)

Com base no texto, é correto afirmar que a análise de Adorno e Horkheimer estabeleceu a ideia de que o homem:

I. Interage com a natureza de maneira pacífica, assimilando a de forma idílica.

II. Age com astúcia diante dos fenômenos naturais, ao forjar uma relação de instrumentalidade com a natureza.

III. Esclarecido e com pleno domínio da natureza promove a sua autoconsciência.

IV. Apreende a natureza visando controlá-la, o que resulta na submissão dela.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente as afirmativas I e II são corretas.
- b) Somente as afirmativas II e IV são corretas.
- c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.
- d) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
- e) Somente as afirmativas I, III e IV são corretas.

06. (UEL 2013) Observe a figura e leia o texto a seguir:



Retrato de George Dyer. Em um Espelho, 1988

A crise da razão se manifesta na crise do indivíduo, por meio da qual se desenvolveu. A ilusão acalentada pela filosofia tradicional sobre o indivíduo e sobre a razão – a ilusão da sua eternidade – está se dissipando. O indivíduo outrora concebia a razão como um instrumento do eu, exclusivamente. Hoje, ele experimenta o reverso dessa auto deificação. (HORKHEIMER, M. *Eclipse da razão*. São Paulo: Centauro, 2000, p.131.)

Com base na figura e nos conhecimentos sobre a crise da razão e do indivíduo na contemporaneidade, em Horkheimer, considere as afirmativas a seguir.

I. A crise do indivíduo implica na sua fragmentação: embora ele ainda se represente, a imagem que possui de si é incompleta, parcial.

II. A crise do indivíduo resulta de uma incompreensão: ignorar que ele é uma particularidade ordenada (microcosmo) inserida numa totalidade ordenada (macrocosmo).

III. O indivíduo, que é unitário, apreende a si mesmo e ao mundo plenamente, faltando-lhe, porém, os meios adequados para comunicar tal conhecimento.

IV. O desenvolvimento das ciências humanas levou a uma recusa da ideia universal de homem: nega-se à razão o poder de fundamentar absolutamente o conhecimento sobre o indivíduo.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente as afirmativas I e II são corretas.
- b) Somente as afirmativas I e IV são corretas.
- c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.
- d) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
- e) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

O NASCIMENTO DAS CIÊNCIAS HUMANAS:

No século XIX o desenvolvimento das ciências da natureza atinge a discussão dos fatos humanos, com a exigência de que também as ciências humanas se tornassem autônomas, desligadas do pensamento filosófico.

(...) A procura do estatuto epistemológico das ciências humanas não se faz sem dificuldades. Ora porque lhes é negado o caráter de cientificidade, isto é, não são consideradas ciências: ora porque só são considerados científicos os métodos calcados nas ciências da natureza (tendência naturalista); ora porque elas procuram o próprio método, distinto de tudo o que já tinha sido visto até então, tendo em vista a especificidade do seu objeto (tendência humanista).

A primeira ciência humana a se desenvolver foi a economia, que até o século XVII tem sido, com a teoria mercantilista, uma simples constatação da existência de certas relações de trocas entre indivíduos e países.

No século XVIII, Adam Smith (1723- 1790) foi o primeiro a explicar o funcionamento de um sistema econômico em termos matemáticos, embora com muitos conceitos ainda obscuros. Outro teórico da economia foi David Ricardo (1772- 1823). Malthus (1766- 1834) introduziu a dinâmica do crescimento da população na análise econômica. Defendendo a lei de que “a população cresce em progressão geométrica, enquanto a produção de alimento cresce em progressão aritmética”, Malthus mostrou que o equilíbrio econômico não é atingido facilmente como queria o otimismo do sistema de mercado, mas exigia restrições violentas da população, das quais se encarregava a própria natureza humana, por meio de guerras, pestes, etc. Com Karl Marx (1818- 1883) a economia se torna rigorosa pela imprecisão introduzida em seus conceitos e por considerar a explicação científica do conjunto dos fatos humanos e não apenas dos fenômenos econômicos.

Outra ciência humana que surgiu no século XIX foi a sociologia, iniciada por Augusto Comte (1798- 1857), que designa, por essa palavra, uma ciência positiva: a ciência dos fatos sociais, isto é, das instituições, dos costumes, das crenças coletivas.

Durkheim (1858- 1917) quis fazer da sociologia uma disciplina objetiva, colocando como regra fundamental do método sociológico a consideração dos fatos sociais como coisas. Devido às dificuldades da experimentação, utiliza-se amplamente do método estatístico. Max Weber (1864- 1920), mesmo sem eliminar o estudo das causas e o rigor na coleta dos dados e no tratamento dos fatos, enfatiza a

necessidade de usar o método da “compreensão”, em oposição ao critério da “explicação”, típico da ciência da natureza. Também na sociologia foi importante a contribuição de Marx, com a análise do modo de produção.

Outra ciência humana como a etnologia, a geografia, a história também colocaram em questão o seu método. Quanto à psicologia, faremos uma abordagem mais ampla a seguir.

AS DIFICULDADES METODOLÓGICAS DAS CIÊNCIAS HUMANAS:

Enquanto todas as outras ciências têm como objeto algo que se encontra fora do sujeito cognoscente, as ciências humanas têm como objeto o próprio ser que conhece. Daí se possível imaginar as dificuldades da economia, da sociologia, da psicologia, da geografia humana, da história para estudar com objetividade aquilo que diz respeito ao próprio homem tão diretamente.

Vejam os quais são as dificuldades enfrentadas pelas ciências humanas.

As **complexidades** inerentes aos fenômenos humanos sejam psíquicos, sociais ou econômicos, resistentes às tentativas de simplificação. Em física, por exemplo, ao estudar as condições de pressão, volume e temperatura, é possível simplificar o fenômeno tornando constante um desses fatores. O comportamento humano, entretanto, resulta de múltiplas influências como hereditariedade, meio, impulsos, desejos, memória, bem como da ação da consciência e da vontade, o que o torna um fenômeno extremamente complexo. Já pensou o que significava avaliar a decisão de votos do cidadão numa eleição presidencial? Ou procurar explicar o fenômeno do linchamento ou da vaia? Ou examinar as causas que determinam a escolha da profissão?

Outra dificuldade da metodologia das ciências humanas encontra-se na **experimentação**. Isso não significa que ela seja impossível, mas é difícil identificar e controlar os diversos aspectos que influenciam os atos humanos. Além disso, a natureza artificial dos experimentos controlados em laboratório pode falsear os resultados. A motivação dos sujeitos também é variável, e as instruções do experimentador podem ser interpretadas de maneiras diferentes. Da mesma forma, a repetição do fenômeno altera os efeitos, pois nunca uma repetição se fará sem modificações, já que, para o homem, enquanto ser consciente e afetivo, a situação sempre será vivida de maneiras diferentes.

Certos experimentos oferecem restrições de caráter moral, já que não se pode submeter o ser humano, indiscriminadamente, a experiências que arrisquem sua integridade física, psíquica ou moral. Por exemplo: as reações de pânico num grupo de pessoas presas numa sala em chamas ou as relações entre a superpopulação num condomínio e a variação do índice de violência só podem ser objetos de apreciação eventual, quando ocorrem acidentes desse tipo. Jamais poderiam ser provocados.

Também é preciso saber o que será observado: se o comportamento externo do indivíduo ou grupo, ou apenas o relato do que sentiram. Essa técnica, introspecção (olhar para dentro), pode ser falseada

pelo indivíduo voluntariamente, quando mente, ou involuntariamente, por motivos que precisariam ser detectados. Por isso, mesmo que a introspecção se usada, há quem a considere uma abordagem inadequada.

Outra questão refere-se a **matematização**. Se a passagem da física aristotélica para a física clássica de Galileu se deu pela transformação das qualidades em quantidades, pode-se concluir que a ciência será tão rigorosa quanto mais for matematizável. Ora, esse ideal é problemático com relação às ciências humanas, cujos fenômenos são essencialmente qualitativos. Por isso, quando é possível aplicar a matemática, são utilizadas técnicas estatísticas e os resultados são sempre aproximativos e sujeitos a interpretação.

Resta ainda a dificuldade decorrente da **subjetividade**. As ciências da natureza aspiram à objetividade, que consiste na descentralização do eu no processo de conhecer, na capacidade de lançar hipóteses verificáveis por todos, mediante instrumentos de controle; e na descentração das emoções e da própria subjetividade do cientista. Mas, se o sujeito que conhece é da mesma natureza do objeto conhecido, parece ser difícil a superação da subjetividade. Imagine como analisar o medo, sendo o próprio analista uma pessoa sujeita ao medo; ou interpretar a história, estando situado numa dada perspectiva histórica; ou analisar a família, fazendo parte de uma; ou ser economista, vivendo num sistema econômico e de um sistema econômico.

Por fim, se a ciência supõe o determinismo - ou seja, o pressuposto que na natureza tudo que existe tem uma causa - como fica a questão da liberdade humana? Por haver regularidade na natureza, é possível estabelecer leis e por meio delas prever a incidência de um determinado fenômeno. Mas com isso seria possível, se admitíssemos a liberdade do homem? E caso ele esteja realmente submetido a determinismo, seria da mesma forma a intensidade que para os seres inertes?

Tais dificuldades foram levantadas não com a intenção de mostrar que as ciências humanas são inviáveis, pois elas aí estão, procurando o seu espaço. Quisemos apenas acentuar as diferenças de natureza e os problemas que tem encontrado até o momento. Veremos que a maneira de enfrentá-los tem determinado os tipos de metodologia que as caracteriza. Ou seja, o método utilizado depende de certa forma, dos pressupostos filosóficos que embasam a visão do mundo do cientista.

A CRISE DA CIÊNCIA NO FINAL DO SÉCULO XIX.

Até o século XIX o desenvolvimento da ciência tinha sido tão grande que o homem estava convencido da excelência do método científico para conhecer a realidade. Filosofia como o positivismo de Comte e o evolucionismo de Spencer traduziam o otimismo generalizado que exaltava a capacidade de transformação humana em direção a um mundo melhor. A educação, antes baseada exclusivamente na cultura humanística, é reformulada visando à inclusão dos estudos científicos no currículo escolar, a fim de

atender a demanda de técnicos e cientistas decorrente do avanço da tecnologia.

No entanto ainda no século XIX e no início do século XX, algumas descobertas golpearam rudemente as concepções clássicas, originando o que se pode chamar de crise da ciência moderna. São elas as geométricas não-euclidianas e a física não-newtoniana.

ÉTICA E MORAL: As decisões cotidianas pautadas nos conceitos *de certo e errado* estão estritamente ligadas aos sistemas de valores de uma sociedade. Há atitudes valorizadas e consideradas boas de se fazer, por outro lado, há outras que são reprováveis e produzem uma sensação de mal-estar quando executadas. Essa distinção é decorrente da capacidade humana de estabelecer juízos de valor, responsáveis por **diferenciar o bem e o mal** e de produzir as ações conforme essa diferenciação.

MAS POR QUE ESCOLHER FAZER O BEM?

A resposta é simples: escolhe-se fazer o bem, seguindo princípios morais, porque, caso contrário, seria quase impossível o convívio social. Se cada indivíduo estabelecesse suas próprias regras existiriam diversos atritos e problemas na sociedade, o que produziria um caos e impediria uma convivência harmoniosa.

Desta forma, pode-se dizer que os valores possuem caráter social e histórico, uma vez que, geralmente, são oriundos do passado e são herdados através das gerações, aparecendo para os indivíduos sob a forma de normas que devem ser respeitadas em benefício de todos. Podem se apresentar na forma de lei, regulamento escrito, princípio de conduta e diversos outros tipos de instrumentos coercitivos que exprimem os valores estabelecidos. No entanto, salienta-se que, como sua formação é histórica, os valores podem variar de acordo com a cultura, época, religião, local e construção social.

DIFERENÇA ENTRE ÉTICA E MORAL:

MORAL: A palavra moral é de origem latina e vem de "*moralis*", isto é, tudo que é relativo **aos costumes**. Sendo assim, pode-se afirmar que a **Moral é o conjunto de valores que variam de cultura para cultura e mudam de acordo com o passar do tempo**, em que se baseiam os princípios e normas que garantem a harmonia das relações entre os indivíduos dentro de uma sociedade, portanto, atua na sobrevivência do grupo.

A moral orienta o indivíduo, é ela que conduz às noções de certo e errado, estabelecidas de forma consensual dentro da sociedade, as quais possuem condicionantes históricas, sociais e culturais. Ela se manifesta como costumes, crenças, tabus e modos de pensar construídos por uma sociedade. Logo, nota-se que ela é um processo coletivo, indispensável para a vida social.

ORIGEM: A moral humana sempre foi alvo de curiosidade e investigação. Foram vários os filósofos que propuseram origens e desdobramentos dela. Há

quem acredite que a moral do homem tem origens biológicas, empíricas ou é inserida no momento do nascimento. Dentre tais divergências, em seu texto "A Marcha dos Pinguins" e a origem da moral" de Luc Jacquet diz que a moral não surge de forma natural, como na benevolência dos animais sugerida por muitos pensadores, mas da capacidade do ser humano de se colocar no lugar do semelhante, e fazer com que as experiências do outro enriqueçam as suas.

VISÃO DOS GRANDES PENSADORES:

ADAM SMITH: Os princípios morais derivam das experiências históricas. Segundo ele, os sentimentos que determinaram a Revolução Industrial e seus processos produtivos foram: paixões sensíveis particulares (apetite sexual, raiva, inveja, simpatia), amor próprio ou egoísmo, benevolência, que se relaciona à inclinação direcionada para o social e a consciência, ou razão, que orienta o cálculo racional. As regras estabelecidas pela sociedade foram aplicadas à medida que se tornaram eficientes e úteis.

DAVID HUME: Observou a moral de forma empírica. Demonstrou que a moral está intimamente ligada à paixão e não à razão. Diferentemente do que supunham seus precedentes, não haveria um bem superior pelo qual a humanidade se pautasse. Para Hume, o impulso básico para as ações humanas consiste em obter prazer e impedir a dor. No que consiste a moral, o filósofo defende que a experiência (empírica) promove o entendimento humano. O desejo sugere impressão, ideia e, portanto, é provocada pela necessidade induzindo à liberdade.

IMMANUEL KANT: Diferentemente do que afirmava Hume, Kant defendia a razão como base da moral. Partindo do princípio de identidade, o comportamento humano está relacionado com a identificação no outro, ou seja, a ação das pessoas influencia no comportamento do indivíduo, tornando-se dessa forma o comportamento uma lei universal.

EXEMPLO: Os **dez mandamentos** para a **vida em comunidade do povo Hebreu** foram vitais para a formação da cultura, dos códigos morais e dos valores fundamentais dessa sociedade. Os **dez mandamentos** também podem ser **considerados códigos de leis**, pois era considerados assim pelo povo hebreu, vistos como leis divinas escritas pelo próprio criador e entregues a Moisés. A **importância de um indivíduo seguir os princípios dos 10 mandamentos** é de manutenção da ordem e da paz na sociedade hebraica. Vê-se, porém, que são normas de conduta que geram o bem-estar social e a harmonia, podendo ser aplicados a qualquer sociedade.

As comunidades religiosas possuem em comum a prática da moral, nas quais seus membros possuem a mesma conduta e procuram não praticar aquilo que é condenado pela religião. A salvação para cada indivíduo depende das leis divinas. Tal ponto, torna a moral religiosa como fator determinante no controle do indivíduo e da sociedade.

CRISTIANISMO: A moral cristã está centrada em um núcleo no qual gravitam virtudes essenciais que, se conseguidas, levam supostamente à fraternidade e à paz de espírito. A moral, assim, se resume na caridade e na humildade, isto é, nas duas virtudes contrárias ao egoísmo e ao orgulho. Em todos os seus ensinamentos, o cristianismo aponta essas duas virtudes como sendo as que conduzem à eterna felicidade.

BUDISMO: A moral budista é baseada nos princípios da preservação da vida e moderação, ou seja, o treino mental foca a moral, a concentração meditativa e a sabedoria.

HINDUÍSMO: Os pontos mais importantes da moral hindu podem ser resumidos em: domínio de si mesmo, compaixão pelos outros, pessoas ou animais, e a renúncia.

ÉTICA: A palavra ética vem do grego “*Ethos*”, referente ao modo de ser e ao caráter. É o ramo da Filosofia que aborda os problemas fundamentais da moral, tal como o significado do bem e do mal, da justiça e do dever etc. **A ética é o conjunto de conhecimentos que são extraídos da investigação do comportamento humano, ao buscar explicar as regras morais de uma de uma maneira racional e pautada em preceitos científicos.**

Desta forma, entende-se que ela é uma reflexão da moralidade, a qual ajuda os indivíduos a fazer decisões cotidianas. Esse estudo reflexivo é voltado à compreensão das ações humanas de acordo com os valores morais que as orientam. Assim, nota-se que ela está mais relacionada às questões individuais.

NÃO EXISTE ÉTICA NO FORMIGUEIRO: Se a ética é a arte da convivência e um esforço coletivo para chegarmos a uma conclusão sobre como queremos conviver então nós somos obrigados a observar que os animais também convivem entre si.

Vamos pegar o caso curioso das formigas, as formigas convivem em formigueiros de maneira muito intensa, mas o que acontece com as formigas?

Elas têm um papel no formigueiro que é estabelecido pela sua própria natureza a formiga que tem instrumental biológico para trabalhar, trabalha. A que não tem manda.

E mesmo que houvesse uma revolução socialista não haveria como a formiga não trabalhadora trabalhar.

O que se aprende com as formigas?

Que entre as formigas a convivência é a única que poderia ser e ela é definida pela natureza das formigas. Nesse caso não devemos falar em ética.

Já a reflexão ética nos formigueiros humanos é fundamental, por que a convivência pode ser diferente do que ela é, enquanto a convivência para as formigas é necessariamente aquela a convivência para os homens é contingentemente aquela (pode ser diferente do que é).

A forma que temos de nos organizar e de nos relacionar é o que é, mas poderia ser outra, poderia ser melhor do que é. Ética é o aperfeiçoamento inteligente da convivência se existe aperfeiçoamento é porque existe mudança e pode melhorar através do melhor

caminho coletivo.
FILHO.

CLÓVIS DE BARROS

“Me desculpem, mas não deu mais. A velhice neste país é caos como tudo aqui. A humanidade não deu certo. Eu tive a impressão que foram 85 anos jogados fora...num país com este. E com esse tipo de gente que acabei encontrando. Cuidem das crianças de hoje. Flávio.”

ÉTICA EM ARISTÓTELES: Aristóteles abordou a questão da ética a partir do princípio segundo o qual todas as coisas, sejam elas pessoas ou objetos, possuem uma finalidade. Essa concepção de tudo com uma finalidade é chamada teleológica e, em Aristóteles, fundamenta-se na existência de uma natureza imóvel e parte de um universo finito, onde todas as coisas tendem para uma realização plena, ou seja, um fim.

No ser humano essa finalidade é a felicidade, alcançada através da ética, a qual, diferente dos outros saberes, é definida pela capacidade de um indivíduo pensar racionalmente e escolher as ações mais virtuosas.

ÉTICA DEONTOLÓGICA: Formada a partir das palavras gregas “*deon*” (dever) e “*logos*” (ciência), refere-se à ciência do dever, na qual agir corretamente é um imperativo, ou seja, uma obrigação, não importando as consequências. Em outras palavras, os princípios que orientam os atos são mais importantes que as consequências deles. O filósofo Kant defende essa ética.

ÉTICA CONSEQUENCIALISTA: Em oposição à ética deontológica, para a ética consequencialista a única forma de julgar os atos é em função de suas consequências, ou seja, o valor das ações é julgado por seus resultados. Essa é a lógica do Utilitarismo de Jeremy Bentham, na qual agir de forma ética significa produzir a maior quantidade de bem-estar.

FILÓSOFOS E CORRENTES FILOSÓFICAS QUE MAIS CAEM NO ENEM.

Os Filósofos Pré-Socráticos: os primeiros filósofos e cientistas (séc. VI a.C.). Preocupam-se mais com a questão da origem e da constituição da natureza (a questão da *physis*) do que com as questões éticas, políticas e epistemológicas.

(Enem 2016):

Texto I

Fragmento B91: Não se pode banhar duas vezes no mesmo rio, nem substância mortal alcançar duas vezes a mesma condição; mas pela intensidade e rapidez da mudança, dispersa e de novo reúne. HERÁCLITO. *Fragmentos (Sobre a natureza)*. São Paulo: Abril Cultural.

Texto II

Fragmento B8: São muitos os sinais de que o ser é ingênito e indestrutível, pois é compacto, inabalável e sem fim; não foi nem será, pois é agora um todo homogêneo, uno, contínuo. Como poderia o que é perecer? Como poderia gerar-se?

PARMÊNIDES.

Da natureza. São Paulo: Loyola, 2002 (adaptado).

Os fragmentos do pensamento pré-socrático expõem uma oposição que se insere no campo das?

- investigações do pensamento sistemático.
- preocupações do período mitológico.
- discussões de base ontológica.
- habilidades da retórica sofística.

e) verdades do mundo sensível.

(Enem 2015) A filosofia grega parece começar com uma ideia absurda, com a proposição: a água é a origem e a matriz de todas as coisas. Será mesmo necessário deter-nos nela e levá-la a sério? Sim, e por três razões: em primeiro lugar, porque essa proposição enuncia algo sobre a origem das coisas; em segundo lugar, porque o faz sem imagem e fabulação; e enfim, em terceiro lugar, porque nela embora apenas em estado de crisálida, está contido o pensamento:

Tudo é um. NIETZSCHE, F. Crítica moderna. In: Os pr

O que, de acordo com Nietzsche, caracteriza o surgimento da filosofia entre os gregos?

- O impulso para transformar, mediante justificativas, os elementos sensíveis em verdades racionais.
- O desejo de explicar, usando metáforas, a origem dos seres e das coisas.
- A necessidade de buscar, de forma racional, a causa primeira das coisas existentes.
- A ambição de expor, de maneira metódica, as diferenças entre as coisas.
- A tentativa de justificar, a partir de elementos empíricos, o que existe no real.

(Enem 2012)

TEXTO I: Anaxímenes de Mileto disse que o ar é o elemento originário de tudo o que existe, existiu e existirá, e que outras coisas provêm de sua descendência. Quando o ar se dilata, transforma-se em fogo, ao passo que os ventos são ar condensado. As nuvens formam-se a partir do ar por filtragem e, ainda mais condensadas, transformam-se em água. A água, quando mais condensada, transforma-se em terra, e quando condensada ao máximo possível, transforma-se em pedras.

TEXTO II: Basílio Magno, filósofo medieval, escreveu: “Deus, como criador de todas as coisas, está no princípio do mundo e dos tempos. Quão parcas de conteúdo se nos apresentam, em face desta concepção, as especulações contraditórias dos filósofos, para os quais o mundo se origina, ou de algum dos quatro elementos, como ensinam os Jônios, ou dos átomos, como julga Demócrito. Na verdade, dão a impressão de quererem ancorar o mundo numa teia de aranha”.

Filósofos dos diversos tempos históricos desenvolveram teses para explicar a origem do universo, a partir de uma explicação racional. As teses de Anaxímenes, filósofo grego antigo, e de Basílio, filósofo medieval, têm em comum na sua fundamentação teorias que?

- eram baseadas nas ciências da natureza.
- refutavam as teorias de filósofos da religião.
- tinham origem nos mitos das civilizações antigas.
- postulavam um princípio originário para o mundo.
- defendiam que Deus é o princípio de todas as coisas.

Os sofistas: os primeiros professores profissionais de argumentação e retórica. São os primeiros “humanistas”. Defendem que “o homem é a medida de todas as coisas” (Protágoras) e que a verdade é relativa à força dos argumentos (Górgias).

(Enem 2015) Trasímaco estava impaciente porque Sócrates e os seus amigos presumiam que a justiça era algo real e importante. Trasímaco negava isso. Em seu entender, as pessoas acreditavam no certo e no errado apenas por terem sido ensinadas a obedecer às regras da sua sociedade. No entanto, essas regras não passavam de invenções humanas.

O sofista Trasímaco, personagem imortalizado no diálogo A República, de Platão, sustentava que a correlação entre justiça e ética é resultado de?

a) determinações biológicas impregnadas na natureza humana.

b) verdades objetivas com fundamento anterior aos interesses sociais.

c) mandamentos divinos inquestionáveis legados das tradições antigas.

d) convenções sociais resultantes de interesses humanos contingentes.

e) sentimentos experimentados diante de determinadas atitudes humanas.

Sócrates: o primeiro filósofo *de fato*. Faz oposição aos sofistas, por eles cobrarem pelos ensinamentos e não visarem à compreensão da verdade. Para Sócrates, o conhecimento mais importante é a consciência da própria ignorância.

Platão: aluno de Sócrates. Desenvolve a *Teoria das Ideias*. É contrário à democracia, vista como um regime no qual os mais ignorantes governam. Defende o governo dos mais sábios.

Aristóteles: aluno de Platão. Critica a *Teoria das Ideias*. Afirma ser necessário utilizar os sentidos para conhecer. Para ele, a virtude está na justa medida. A felicidade é o fim a que visam todas as ações humanas.

(Enem 2013) A felicidade é, portanto, a melhor, a mais nobre e a mais aprazível coisa do mundo, e esses atributos não devem estar separados como na inscrição existente em Delfos “das coisas, a mais nobre é a mais justa, e a melhor é a saúde; porém a mais doce é ter o que amamos”. Todos estes atributos estão presentes nas mais excelentes atividades, e entre essas a melhor, nós a identificamos como felicidade.

ARISTÓTELES.

A Política. São Paulo: Cia. das Letras, 2010.

Ao reconhecer na felicidade a reunião dos mais excelentes atributos, Aristóteles a identifica como?

- busca por bens materiais e títulos de nobreza.
- plenitude espiritual a ascese pessoal.
- finalidade das ações e condutas humanas.
- conhecimento de verdades imutáveis e perfeitas.
- expressão do sucesso individual e reconhecimento público.

(Enem 2014)



SANZIO, R. Detalhe do afresco A Escola de Atenas. Disponível em: <http://fi.cfh.ufsc.br>. Acesso em: 20 mar. 2013.

No centro da imagem, o filósofo Platão é retratado apontando para o alto. Esse gesto significa que o conhecimento se encontra em uma instância na qual o homem descobre a?

- suspensão do juízo como reveladora da verdade.
- realidade inteligível por meio do método dialético.
- salvação da condição mortal pelo poder de Deus.
- essência das coisas sensíveis no intelecto divino.
- ordem intrínseca ao mundo por meio da sensibilidade.

(Enem 2012) Para Platão, o que havia de verdadeiro em Parmênides era que o objeto de *conhecimento* é um objeto de *razão* e não de *sensação*, e era preciso estabelecer uma relação entre objeto racional e objeto sensível ou material que privilegiasse o primeiro em detrimento do segundo. Lenta, mas irresistivelmente, a Doutrina das Ideias formava-se em sua mente.

O texto faz referência à relação entre razão e sensação, um aspecto essencial da Doutrina das Ideias de Platão (427–346 a.C.). De acordo com o texto, como Platão se situa diante dessa relação?

- Estabelecendo um abismo intransponível entre as duas.
- Privilegiando os sentidos e subordinando o conhecimento a eles.
- Atendo-se à posição de Parmênides de que razão e sensação são inseparáveis.
- Afirmando que a razão é capaz de gerar conhecimento, mas a sensação não.
- Rejeitando a posição de Parmênides de que a sensação é superior à razão.

Filosofia medieval: O processo de conciliação entre o pensamento filosófico grego e helênico e a religião cristã. Dois grandes períodos: a Patrística (do séc. IV ao VI; o principal representante é Agostinho) e a Escolástica (do séc. XI ao XV; o principal representante é Tomás de Aquino).

(Enem 2016) Pirro afirmava que nada é nobre nem vergonhoso, justo ou injusto; e que, da mesma maneira, nada existe do ponto de vista da verdade; que os homens agem apenas segundo a lei e o costume, nada sendo mais isto do que aquilo. Ele levou uma vida de acordo com esta doutrina, nada procurando evitar e não se desviando do que quer que fosse, suportando tudo, carroças, por exemplo, precipícios, cães, nada deixando ao arbítrio dos sentidos. LAÉRCIO, D. *Vidas e sentenças dos filósofos ilustres*. Brasília: Editora Un

O ceticismo, conforme sugerido no texto, caracteriza-se por:

- Desprezar quaisquer convenções e obrigações da sociedade.
- Atingir o verdadeiro prazer como o princípio e o fim da vida feliz.
- Defender a indiferença e a impossibilidade de obter alguma certeza.
- Aceitar o determinismo e ocupar-se com a esperança transcendente.
- Agir de forma virtuosa e sábia a fim de enaltecer o homem bom e belo.

(Enem 2015) Ora, em todas as coisas ordenadas a algum fim, é preciso haver algum dirigente, pelo qual se atinja diretamente o devido fim. Com efeito, um navio, que se move para diversos lados pelo impulso dos ventos contrários, não chegaria ao fim de destino, se por indústria do piloto não fosse dirigido ao porto; ora, tem o homem um fim, para o qual se ordenam toda a sua vida e ação. Acontece, porém, agirem os homens de modos diversos em vista do fim, o que a própria diversidade dos esforços e ações humanas comprova. Portanto, precisa o homem de um dirigente para o fim. AQUINO, T. *Do reino ou do governo dos homens: ao rei do Chipre*.

No trecho citado, Tomás de Aquino justifica a monarquia como o regime de governo capaz de?

- refrear os movimentos religiosos contestatórios.
- promover a atuação da sociedade civil na vida política.
- unir a sociedade tendo em vista a realização do bem comum.
- reformular a religião por meio do retorno à tradição helenística.
- dissociar a relação política entre os poderes temporal e espiritual.

(Enem 2014) Alguns dos desejos são naturais e necessários; outros, naturais e não necessários; outros, nem naturais nem necessários, mas nascidos de vã opinião. Os desejos que não nos trazem dor se não satisfeitos não são necessários, mas o seu impulso pode ser facilmente desfeito,

quando é difícil obter sua satisfação ou parecem geradores de dano. EPICURO DE SAMOS. "Doutrinas

No fragmento da obra filosófica de Epicuro, o homem tem como fim?

- alcançar o prazer moderado e a felicidade.
- valorizar os deveres e as obrigações sociais.
- aceitar o sofrimento e o rigorismo da vida com resignação.
- refletir sobre os valores e as normas dadas pela divindade.
- defender a indiferença e a impossibilidade de se atingir o saber.

Maquiavel: Escreve, também no séc. XVI, O Príncipe, no qual tenta apresentar as leis de funcionamento da política não a partir de uma idealização, mas a partir da história grega, romana e italiana.

(Enem 2013) Nasce daqui uma questão: se vale mais ser amado que temido ou temido que amado. Responde-se que ambas as coisas seriam de desejar; mas porque é difícil juntá-las, é muito mais seguro ser temido que amado, quando haja de faltar uma das duas. Porque dos homens se pode dizer, duma maneira geral, que são ingratos, volúveis, simuladores, covardes e ávidos de lucro, e enquanto lhes fazes bem são inteiramente teus, oferecem-te o sangue, os bens, a vida e os filhos, quando, como acima disse, o perigo está longe; mas quando ele chega, revoltam-se. MAQUIAVEL, N. *O Príncipe*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1991.

A partir da análise histórica do comportamento humano em suas relações sociais e políticas, Maquiavel define o homem como um ser?

- munido de virtude, com disposição nata a praticar o bem a si e aos outros.
- possuidor de fortuna, valendo-se de riquezas para alcançar êxito na política.
- guiado por interesses, de modo que suas ações são imprevisíveis e inconstantes.
- naturalmente racional, vivendo em um estado pré-social e portando seus direitos naturais.
- sociável por natureza, mantendo relações pacíficas com seus pares.

(Enem 2012) Não ignoro a opinião antiga e muito difundida de que o que acontece no mundo é decidido por Deus e pelo acaso. Essa opinião é muito aceita em nossos dias, devido às grandes transformações ocorridas, e que ocorrem diariamente, as quais escapam à conjectura humana. Não obstante, para não ignorar inteiramente o nosso livre-arbítrio, creio que se pode aceitar que a sorte decida metade dos nossos atos, mas [o livre-arbítrio] nos permite o controle sobre a outra metade. MAQUIAVEL, N. *O Príncipe*. Brasília: EdUnB, 1979 (adaptado).

Em O Príncipe, Maquiavel refletiu sobre o exercício do poder em seu tempo. No trecho citado, o autor demonstra o vínculo entre o seu pensamento político e o humanismo renascentista ao?

- valorizar a interferência divina nos acontecimentos definidores do seu tempo.
- rejeitar a intervenção do acaso nos processos políticos.
- afirmar a confiança na razão autônoma como fundamento da ação humana.
- romper com a tradição que valorizava o passado como fonte de aprendizagem.
- redefinir a ação política com base na unidade entre fé e razão.

René Descartes: no séc. XVII, o racionalista Descartes procura fundamentar todo o conhecimento não pela tradição nem pela experiência sensorial, mas pela razão.

(Enem 2016) Nunca nos tornaremos matemáticos, por exemplo, embora nossa memória possua todas as

demonstrações feitas por outros, se nosso espírito não for capaz de resolver toda espécie de problemas; não nos tornaríamos filósofos, por ter lido todos os raciocínios de Platão e Aristóteles, sem poder formular um juízo sólido sobre o que nos é proposto. Assim, de fato, pareceríamos ter aprendido, não ciências, mas histórias. DESCARTES, R. *Regras para a orientação do espírito*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Em sua busca pelo saber verdadeiro, o autor considera o conhecimento, de modo crítico, como resultado da?

- investigação de natureza empírica.
- retomada da tradição intelectual.
- imposição de valores ortodoxos.
- autonomia do sujeito pensante.
- liberdade do agente moral.

(Enem 2013) TEXTO I: Há já de algum tempo eu me apercebi de que, desde meus primeiros anos, recebera muitas falsas opiniões como verdadeiras, e de que aquilo que depois eu fundei em princípios tão mal assegurados não podia ser senão mui duvidoso e incerto. Era necessário tentar seriamente, uma vez em minha vida, desfazer-me de todas as opiniões a que até então dera crédito, e começar tudo novamente a fim de estabelecer um saber firme e inabalável. DESCARTES, R. *Meditações concernentes à Primeira Filosofia*. São Paulo: Abril Cultural, 1973 (adaptado).

TEXTO II: É de caráter radical do que se procura que exige a radicalização do próprio processo de busca. Se todo o espaço for ocupado pela dúvida, qualquer certeza que aparecer a partir daí terá sido de alguma forma gerada pela própria dúvida, e não será seguramente nenhuma daquelas que foram anteriormente varridas por essa mesma dúvida. SILVA, F. L. *Descartes: a metafísica da modernidade*. São Paulo: Moderna, 2001 (adaptado).

A exposição e a análise do projeto cartesiano indicam que, para viabilizar a reconstrução radical do conhecimento, deve-se?

- retomar o método da tradição para edificar a ciência com legitimidade.
- questionar de forma ampla e profunda as antigas ideias e concepções.
- investigar os conteúdos da consciência dos homens menos esclarecidos.
- buscar uma via para eliminar da memória saberes antigos e ultrapassados.
- encontrar ideias e pensamentos evidentes que dispensam ser questionados.

Thomas Hobbes: no séc. XVII escreve *Leviatã*, onde defende que o Estado absolutista é necessário para evitar a guerra de todos contra todos. É um contratualista. É também empirista, afirmando que todo o conhecimento humano deriva dos sentidos.

John Locke: concorda com o empirismo de Hobbes, mas discorda da defesa do Estado absolutista. Locke é um contratualista e jusnaturalista (acredita que existam *leis naturais*) que defende que o Estado deve manter e proteger todos os direitos dos cidadãos (direito à vida, à liberdade e à propriedade privada), exceto o direito de fazer justiça pelas próprias mãos.

Jean-Jacques Rousseau: no séc. XVIII Rousseau afirma que o homem nasce bom, mas a sociedade o corrompe, especialmente por meio da propriedade privada. Essa é a base da tese do *bom selvagem*. Rousseau é um contratualista.

(Enem 2015) A natureza fez os homens tão iguais, quanto às faculdades do corpo e do espírito, que, embora por vezes se encontre um homem manifestamente mais forte de corpo, ou de espírito mais vivo do que outro, mesmo assim, quando se considera tudo isto em conjunto, a diferença entre um e outro homem não é suficientemente considerável para que um deles possa com base nela reclamar algum benefício

a que outro não possa igualmente aspirar. HOBBS, T. *Leviatã*. São Paulo Martins Fontes, 2003

Para Hobbes, antes da constituição da sociedade civil, quando dois homens desejavam o mesmo objeto, eles?

- entravam em conflito.
- recorriam aos clérigos.
- consultavam os anciãos.
- apelavam aos governantes.
- exerciam a solidariedade.

Jean-Paul Sartre: para Sartre (séc. XX), todo homem vive na liberdade absoluta. “O homem é condenado a ser livre”: não pode escapar do fato de que todas as suas ações são de sua inteira e exclusiva responsabilidade. O homem é livre mesmo que decida seguir ordens – pois o ato de seguir ordens não é necessário, e sim uma escolha livre de não ser livre, escolha que o homem pode mudar a qualquer momento. Sartre é um existencialista: para ele, a existência é anterior à essência, que é constituída livremente por cada homem.

(Enem 2016) Vi os homens sumirem-se numa grande tristeza. Os melhores cansaram-se das suas obras. Proclamou-se uma doutrina e com ela circulou uma crença: Tudo é oco, tudo é igual, tudo passou! O nosso trabalho foi inútil; o nosso vinho tornou-se veneno; o mau olhar amareleceu-nos os campos e os corações. Secamos de todo, e se caísse fogo em cima de nós, as nossas cinzas voariam em pó. Sim; cansamos o próprio fogo. Todas as fontes secaram para nós, e o mar retirou-se. Todos os solos se querem abrir, mas os abismos não nos querem tragar! NIETZSCHE, F. *Assim falou Zaratustra*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1977.

O texto exprime uma construção alegórica, que traduz um entendimento da doutrina niilista, uma vez que?

- reforça a liberdade do cidadão.
- desvela os valores do cotidiano.
- exorta as relações de produção.
- destaca a decadência da cultura.
- amplifica o sentimento de ansiedade.

(Enem 2016) Sentimos que toda satisfação de nossos desejos advinda do mundo assemelha-se à esmola que mantém hoje o mendigo vivo, porém prolonga amanhã a sua fome. A resignação, ao contrário, assemelha-se à fortuna herdada: livra o herdeiro para sempre de todas as preocupações. SCHOPENHAUER, A. *Aforismo para a sabedoria da vida*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

O trecho destaca uma ideia remanescente de uma tradição filosófica ocidental, segundo a qual a felicidade se mostra indissociavelmente ligada à?

- a consagração de relacionamentos afetivos.
- administração da independência interior.
- fugacidade do conhecimento empírico.
- liberdade de expressão religiosa.
- busca de prazeres efêmeros.

(Enem 2016)

Ser ou não ser – eis a questão.

Morrer – dormir – Dormir! Talvez sonhar. Aí está o obstáculo!

Os sonhos que hão de vir no sono da morte

Quando tivermos escapado ao tumulto vital

Nos obrigam a hesitar: e é essa a reflexão

Que dá à desventura uma vida tão longa.

SHAKESPEARE, W. *Hamlet*. Porto Alegre: L&PM, 2007.

Este solilóquio pode ser considerado um precursor do existencialismo ao enfatizar a tensão entre?

- consciência de si e angústia humana.
- inevitabilidade do destino e incerteza moral.
- tragicidade da personagem e ordem do mundo.
- racionalidade argumentativa e loucura iminente.
- dependência paterna e impossibilidade de ação.

(Enem 2013) O edifício é circular. Os apartamentos dos prisioneiros ocupam a circunferência. Você pode chamá-los, se quiser, de celas. O apartamento do inspetor ocupa o centro; você pode chamá-lo, se quiser, de alojamento do inspetor. A moral reformada; a saúde preservada; a indústria revigorada; a instrução difundida; os encargos públicos aliviados; a economia assentada, como deve ser, sobre uma rocha; o nó górdio da Lei sobre os Pobres não cortado, mas desfeito — tudo por uma simples ideia de arquitetura!

Essa é a proposta de um sistema conhecido como panóptico, um modelo que mostra o poder da disciplina nas sociedades contemporâneas, exercido preferencialmente por mecanismos?

- a) religiosos, que se constituem como um olho divino controlador que tudo vê.
- b) ideológicos, que estabelecem limites pela alienação, impedindo a visão da dominação sofrida.
- c) repressivos, que perpetuam as relações de dominação entre os homens por meio da tortura física.
- d) sutis, que adestram os corpos no espaço-tempo por meio do olhar como instrumento de controle.
- e) consensuais, que pactuam acordos com base na compreensão dos benefícios gerais de se ter as próprias ações controladas.

(Enem 1999) (...) Depois de longas investigações, convenci-me por fim de que o Sol é uma estrela fixa rodeada de planetas que giram em volta dela e de que ela é o centro e a chama. Que, além dos planetas principais, há outros de segunda ordem que circulam primeiro como satélites em redor dos planetas principais e com estes em redor do Sol. (...) Não duvido de que os matemáticos sejam da minha opinião, se quiserem dar-se ao trabalho de tomar conhecimento, não superficialmente mas duma maneira aprofundada, das demonstrações que darei nesta obra. Se alguns homens ligeiros e ignorantes quiserem cometer contra mim o abuso de invocar alguns passos da Escritura (sagrada), a que torçam o sentido, desprezarei os seus ataques: as verdades matemáticas não devem ser julgadas senão por matemáticos. (COPÉRNICO, N. De Revolutionibus orbium caelestium)

Aqueles que se entregam à prática sem ciência são como o navegador que embarca em um navio sem leme nem bússola. Sempre a prática deve fundamentar-se em boa teoria. Antes de fazer de um caso uma regra geral, experimente-o duas ou três vezes e verifique se as experiências produzem os mesmos efeitos. Nenhuma investigação humana pode se considerar verdadeira ciência se não passa por demonstrações matemáticas. (VINCI, Leonardo da. Carnets)

O aspecto a ser ressaltado em ambos os textos para exemplificar o racionalismo moderno é?

- a) a fé como guia das descobertas.
- b) o senso crítico para se chegar a Deus.
- c) a limitação da ciência pelos princípios bíblicos.
- d) a importância da experiência e da observação.
- e) o princípio da autoridade e da tradição.